

BALANCE FESTIVAL: UMA MATERIALIZAÇÃO DAS PRÁTICAS CORPORAIS DE AVENTURA NO CEPAE/ UFG

Pitias Alves Lobo¹

A proposta de trazer as práticas corporais de aventura como tematização as aulas de Educação Física surge a partir de um projeto de extensão intitulado “Práticas Corporais de Aventura no CEPAE”. Nesse sentido, apresentamos e justificamos pelo crescente envolvimento da juventude em ambientes, estilos, inovações e a busca dos “esportes radicais”, que nessa exposição preferimos chamar de “práticas corporais de aventura” por uma questão de paradigma epistemológico a ser exposto no corpo do texto. Iniciamos pelo slackline, modalidade desenvolvida por escaladores e montanhistas dos EUA, nos anos 80 em períodos de descanso e lazer em algumas expedições. Tal prática consiste em estender uma fita de nylon ao longo de dois pontos equidistantes e passar equilibrando de um lado para o outro e/ou até mesmo executando manobras na modalidade trickline. Nessa materialização, durante o I semestre de 2015, propomos aos alunos dos anos finais do ensino fundamental e ensino médio do CEPAE, durante duas vezes na semana, a vivência dessa prática corporal. Posteriormente, articulamos com um grupo/ núcleo de praticantes externos um encontro apoteótico intitulado “Balance Festival” resultando na I Copa Latino-americana de Slackline, no início de setembro/ 2015, no espaço da instituição. Foram, então, desenvolvidas três modalidades: trickline, longline e highline. Atestamos uma interação e mediação das juventudes e/ou praticantes alternativos com os alunos da escola, proporcionando um espaço/ tempo do fenômeno da Aventura como expressão da liberdade criadora, assim como a constatação e o problematizar da linha tênue, porém, antagônica entre uma proposta de evento competitivo com a espontaneidade do lúdico nas manobras e na articulação com outras praticas como o balonismo, o skatismo, o tecido acrobático e práticas circenses. Os resultados atestam para uma composição de práticas corporais a serem tematizadas nas aulas de Educação Física e no interior da Escola como expoentes contemporâneos de um jeito de ser jovem, identificando, a partir disso, uma interação com as ambientalizações da natureza e/ou apelo ecológico, que merecem um olhar emancipatório perante os modismos e interesses de um *modus operandi* das Tribos joviais.

Palavras-chave: Educação Física. Lazer. Práticas Corporais de Aventura

1. Justificativa

A iniciativa de se criar um projeto voltado para prática corporais de aventura surgiu em decorrência do interesse dos próprios alunos do CEPAE e de pequenos grupos praticantes do slackline na UFG em ter um espaço/tempo organizado e objetivamente institucionalizado, a fim de constituir uma rotina de procedimentos didático-metodológicos, de práticas e de ampliação/ divulgação das práticas corporais de aventura, para além das customizadas “Tribos” e aglutinações grupais de interesses. Começamos, então, a desenvolver o projeto de extensão- “Práticas Corporais de Aventura no CEPAE”, no I semestre de 2015, com a periodicidade de duas vezes na semana em duas horas por dia.

¹ Professor do Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação (CEPAE) da UFG. Doutorando em Educação pela Faculdade de Educação da UFG.
pitiaslobo@live.com

O próprio grupo, trazido pela coordenação do projeto, composta por alunos da graduação da UFG, que iniciou os primeiros passos para sistematizarmos um arcabouço pedagógico da prática. Até então, a experimentação/ vivência e a mediação com outros praticantes eram a tônica predominante do aprendizado. Essa característica permanece atualmente pelos poucos registros de sistematização e pelo caráter do “novo” a ser descoberto e estudado.

Como o espaço da Escola é formado por uma ampla área verde com grande número de árvores de pequeno, médio e grande porte, amplas possibilidades de armação das fitas/ cordas foram consolidadas. O primeiro passo é diretamente como armar uma fita, que apresenta vários modelos, de estreitas a mais largas, curtas e longas de comprimento a depender do domínio/ equilíbrio do praticante e do estilo do Slack a ser praticado. Comumente enquadram-se em três predominantemente: o trickline, o longline e o highline. Existe, também, o waterline, praticado em ambientes em que a fita é estendida sobre as áreas aquáticas (piscina, praias e rios).

O trickline, modalidade mais praticada, por estar mais próximo ao solo, entre 30cm a 1m do solo, consiste em realizar uma série de manobras, desde giros, rolamentos, mortais e quedas na fita. Por envolver quedas frequentes, existe a necessidade de ter tatames e/ ou colchões de amortecimento como preventivos de acidentes.

O longline é uma modalidade que caracteriza-se por uma fita longa estendida, geralmente com mais de 20m de comprimento, cujo objetivo principal é o andar equilibrando e/ou até realizar manobras e posições corporais estáticas.

O highline é a modalidade em que a fita fica posicionada a no mínimo 5m do solo, mas que pode chegar em altas montanhas em muitos casos. Consiste em equilibrar e superar o medo da altura, porém, protegido e amarrado a um “banquinho” e/ou cinta de ancoragem e proteção em torno da fita do slack. Exigem-se conhecimentos da escalada.

Para a materialização desses estilos de slack's realizamos o Balance Festival, com expoentes de praticantes de todo o Brasil, que apresentaram as suas acrobacias, destrezas, equilíbrios/ desequilíbrios no CEPAE UFG.

2. Objetivos

Os objetivos concentraram-se, no primeiro momento, em

- Aprender os fundamentos básicos da prática corporal, desde a armação da fita, posteriormente, passando por noções de equilíbrio em pé com ajuda e sem ajuda, articulando a respiração, a flexão e extensão dos membros inferiores com os superiores, possibilitando o equilíbrio sentado, deitado e em pé;
- Ampliar o arcabouço de procedimentos didático-metodológicos do ensino do Slackline, na preparação e realização do Balance Festival;
- Apresentar e desenvolver os três tipos de Slackline: trickline, highline e longline;
- Iniciar uma sistematização desses experimentos corporais, a fim de organizar um arcabouço de procedimentos didático-metodológicos na realidade escolar.

3. Os procedimentos didático- metodológicos

O Festival contou com inúmeros participantes de todo o Brasil e América do Sul, expressando as três modalidades citadas, mas enfatizando o trickline. Contamos com as parcerias da iniciativa privada, com a característica comumente aceita de Acampamento dentro do recinto de “competição”. Portanto, durante três dias, de 05 a 07 de setembro de 2015, com entrada gratuita aos visitantes, os “atletas” ficaram rusticamente acampados dentro da área verde do Evento. A ambientação com a natureza possibilitou aos praticantes um contato e uma concentração maior e um vínculo grupal das “Tribos”.

O termo Tribo é usado para se delimitar um grupamento de interesses (DAMATTA, 1981) por determinados temas, pessoas que se articulam por meio de uma expressão totêmica, no caso, o Slackline, com os seus significados e sentidos. Sobre isso, nos chama a atenção sobre a intenção da Comissão Organizadora, em sua grande maioria composta de personalidades do meio dos considerados “Esportes Radicais”, de aproximar o evento de uma competição esportiva, com os signos desse fenômeno, com um corpo de jurados, premiações, troféus e uma sistematização de elementos corporais qualificados e classificados em graus de dificuldades.

Dentro da sociologia crítica do esporte (BRACHT, 2003), essa aproximação com o fenômeno esportivo pode levar à opressão do alto rendimento e às consumadas tendências ao *doping* e à especialização precoce infantil (KUNZ, 2006). Esses tensionamentos nos aproximam da terminologia “Práticas Corporais de Aventura” e não de “Esportes Radicais²”.

Uma outra problematização a ser observada foi a ausência de pessoas deficientes e as possibilidades de inclusão dessas em futuras experiências.

A constituição das práticas corporais de aventura, em si, perfazem um excelente momento de envolvimento da relação homem-natureza, na perspectiva de superação do mero endonismo ou da hipertrofia da chamada cultura da “Adrenalina”. Esses preceitos trazem à tona uma caracterização das juventudes a serem tematizadas. O prazer necessariamente é um elo vital de interesses/ desejos/ sentidos aos praticantes, porém, ao abordarmos as possibilidades conciliatórias do homem-ambiente apontamos para outros marcos regulatórios, que também estavam presentes no projeto de extensão até a materialização do Evento, que foi a expressão lúdica desinteressada (HUIZINGA, 2010), o respeito à diversidade, à particularidade e à singularidade. Tais elementos marcam uma tendência à alteridade e aceitação dos limites e possibilidades da aventura corporal entre pessoas e grupos de praticantes.

Houve a exposição de várias fitas no espaço da Escola, porém, em uma ocorria as competições de trickline, nas chamadas batalhas em duplas, em etapas classificatórias, que envolviam as categorias de iniciantes (masculino e feminino) e profissionais³ (masculino e feminino), ao som músicas próprias do *Universo Slack* e o corpo de jurados em blocos de três árbitros que avaliavam as apresentações de cada um.

O Evento foi documentado, com o uso de drones e composições com outros grupamentos, tais como o Skate, o balonismo, o tecido acrobático e práticas circenses, que, também, parcimoniamente, marcaram o Festival.

4. A Base Conceitual

² Seguramente o termo não nos remete a um rigor conceitual de explicação, pois o termo “radical” é usado de maneira equivocada e longe do entendimento de ir a raiz do problema. Já o termo esporte é uma conceituação em transito, que ora aproxima, ora distância de seus preceitos de origem moderna pelo corpo em aventura.

³ Termo usado para caracterizar os mais experientes e com destrezas mais arrojadas e previamente treinadas.

Muito há por se fazer dentro dessa nova tematização a ser empreendida pela Educação Física e a Escola, ao envolver as práticas corporais de aventura com a apreensão de novos conceitos, valores, procedimentos e uma possível sistematização desses conhecimentos pelos sujeitos envolvidos, que pelo eixo epistemológico defendido por nós é componente da cultura corporal (TAFFAREL et ali, 1992).

Registra-se na história das práticas corporais mais esse novo fenômeno contemporâneo, que não se diferencia dos marcos de um “estilo de vida” mercantilizado, envolvido pela moda e pela tendência da criação de um sistema federativo. Nesse último quesito, não percebemos, ainda, uma preocupação acentuada e/ ou até mesmo acelerada para essa composição, o aspecto liberatório da experimentação e vivência são elementos preponderantes na divulgação, fomento e expansão da atividade, atualmente. Seria uma tônica do jovem contemporâneo essa característica?

5. Conclusão

Percebemos, também, a participação de pessoas da terceira idade envolvidas no Festival, por uma proposta de qualidade de vida. Vinculadas, portanto, a qual paradigma? Essas seriam algumas esferas de pesquisas e inquietações a serem percorridas para além do mero entendimento de melhoria da aptidão física, pois as sociabilidades criadas geraram redes de outros interesses e empoderamento jovem.

Os desafios futuros nos colocam uma lupa de vasculhas no campo das práticas corporais de aventura, ainda, pouco trilhadas em uma realidade escolar, que tem como um dos seus objetivos a sistematização científica dos conhecimentos (SAVIANI, 1995) e, pelas nossas postulações, também, das práticas sociais e populares. Essas apropriações apontam para uma tônica fundamental em diálogo com o projeto político-pedagógico do CEPAE, que é a apreensão crítica e transformadora dessa realidade.

Um dos pontos a serem ressaltados é a *práxis* ambiental de conservação e manutenção do espaço no recolhimento do lixo pelos participantes do Evento, que tanto atletas, praticantes, como visitantes e curiosos sensibilizados pelo direcionamento educativo de conservação da natureza, captaram os sentidos e significados de uma prática de Aventura.

Essas seriam algumas considerações constatadas e perspectivamos a continuidade do Projeto de Extensão para sistematizarmos os elementos fundamentais e alguns marcos didático-metodológicos do processo de ensino aprendizagem do Slackline na Escola.

6. Referencias Bibliográficas:

SAVIANI, Demerval. *Escola e democracia*: 30ed. Campinas: Autores Associados, 1995.

HUIZINGA, J. *Homo ludens*. O jogo como elemento da cultura. Tradução João Paulo Monteiro. São Paulo: Perspectiva, 2010.

TAFFAREL, Celi Z *et ali*. *Metodologia do Ensino de Educação Física*. São Paulo SP: Ed. Cortez, 1992.

DAMATA, Roberto. *Relativizando*: uma introdução a antropologia social. Rio de Janeiro. Ed. Vozes, 1981.

KUNZ, Eleonor. *Transformação didática e pedagógica do Esporte*. Florianópolis. Ed. Unijuí, 2006.

BRACHT, Valter. *Sociologia crítica do esporte*. Florianópolis. Ed. Unijuí, 2003.